

ENTRE ELAS: RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ENTRE MULHERES NEGRAS EM “BEIJO NA FACE” E “ISALTINA CAMPO BELO”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Eduarda Lamanes Gomes

*Programa de Pós-graduação em Literatura, Universidade de Brasília.
eduarda.lamanes@gmail.com.*

Resumo

O trabalho visa analisar dois contos da consagrada autora mineira Conceição Evaristo, “Isaltina Campo Belo” e “Beijo na face”. O primeiro conto, publicado – junto a mais doze textos do gênero – no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*, participa do projeto do livro, o de registrar ou representar o que a autora chama de “vozes-mulheres”, vindas de personagens negras que contam suas histórias. O segundo, “Beijo na face”, publicado pela primeira vez em 2003, na série literária *Cadernos Negros*, consta também da antologia *Olhos d’água* organizada, em 2014, pela Editora Pallas. Com a mobilização de abordagens produzidas por teóricas que se dedicaram a pensar, dentre outras coisas, a sobreposição de violências que atingem àquelas pessoas que participam de mais de um grupo socialmente oprimido, ou “Interseccionalidade”; o fazer literário de pessoas negras no Brasil e a afetividade de mulheres negras, intenta-se construir uma leitura que examine as relações entre as identidades compartilhadas pelas personagens dos dois contos, sem que se esqueça, obviamente, de destacar análises dos aspectos de construção literária selecionados por Conceição Evaristo.

Palavras-chaves: literatura afro-brasileira, orientação sexual, autorrepresentação, afetividade.

1. QUANDO EU MORDER/ A PALAVRA¹

O trabalho que se segue é construído em andamento, por ser um recorte da minha pesquisa de mestrado², desenvolvida desde o início de março, na Universidade de Brasília; pensado para a disciplina ministrada pela Profa. Dra. Virgínia Maria Vasconcelos Leal, na mesma instituição, “Estudos de gênero e teorias literárias feministas”. Aos poucos, a discussão tem se desenhado e, a ela, são acrescentadas análises literárias e teóricas, como esperado daquilo que assume a tarefa infinta de estudar a literatura. Assim, “Quando eu morder/ a palavra” é imagem fiel e, portanto, fugaz do que se pretende. Na voz cuidadosa de Conceição Evaristo: “por favor,/ não me apressem,/ quero mascar,/ rasgar entre os dentes,/ a pele, os ossos, o tutano/ do verbo”.

Nascida em 1946, Maria da Conceição Evaristo é mineira e viveu em Belo Horizonte até 1970. Vinda de uma família pobre, a autora conta da relação muito próxima que sempre travou a linguagem, com a palavra-falada. Durante sua formação – graduação em Letras, mestrado e doutorado em Literatura – a escritora participou de espaços que objetivavam discutir o lugar social da pessoa negra e, não apenas por isso, sua literatura traz traços de sua vivência enquanto mulher

1. Todos os subtítulos deste trabalho são versos do poema “Da calma e do silêncio”, de Conceição Evaristo, 2008.

2. De preta pra preta: leitura sobre os corpos negros femininos em *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo, e *O tapete voador*, de Cristiane Sobral.

negra e brasileira.

A autora marca o lugar de onde fala e elenca características que a posicionam socialmente, devido ao trânsito e às consequências dos discursos hegemônicos que garantem, aos grupos oprimidos, marginalização, violência etc. A escolha de marcar o lugar de onde fala é muito comum em textos de membros de grupos oprimidos, embora ainda hoje sirva como artifício para a deslegitimação dos textos de mulheres, uma vez que essa seria uma forma que negaria o *status* de imparcialidade da ciência. Algumas teóricas, porém, adiantam-se em marcar que reconhecer esse lugar é importante para a construção de um saber que compreenda a enunciativa como um sujeito inscrito num contexto histórico e cultural e que, assim sendo, terá sua visão influenciada e pautada pela sua subjetividade.

Sobre isso, a própria Conceição Evaristo anuncia:

Ele (o texto) tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo negro, não mulher, jamais experimenta. (...) a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influi em minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p. 18).

No mesmo texto, a autora continua sua argumentação sustentando a hipótese de que, em resposta a inúmeras violências, a produção artística negra vem servindo como espaço de refúgio e resistência para o nosso povo. É diante desses posicionamentos, muitos que têm eco nas bases do Movimento Negro, que suas obras são escritas e vinculadas. A partir deles, fica mais fácil entender como e por que as obras de Conceição Evaristo têm se tornado referência em relação à representação de personagens negras e negros que figuram os seus escritos e, por assim dizer, ajudam a recontar a história do nosso país, uma história na qual as personalidades negras não se veem deliberadamente apagadas ou mal representadas.

Além disso, ao tomar o espaço de produção artística como reduto de resistência, Conceição Evaristo tem dado às suas ficções, frequentemente, uma perspectiva que coaduna com o otimismo em relação à imagem dos personagens e suas trajetórias. Assim surge o livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), em que todas as histórias, vozes-mulheres, presenteiam as leitoras e leitores com visões otimistas e insubmissas da trajetória de cada uma das personagens. O livro reúne treze contos, todos de mulheres negras que, assim sendo, somam dissabores e agruras impostas por

muitos tipos de violência e depreciação, entretanto, alcançam, em algum momento, uma espécie de libertação que anuncia possibilidades de superação e autovalorização. Suas personagens insurgem e respondem ao lugar a que elas é imposto, insubmissas.

Da mesma forma, “Beijo na face” está em contato, quando da primeira publicação, nos *Cadernos Negros*, ou recentemente na antologia *Olhos d’água* (2014), com outros textos em que a representação da pessoa negra se dá conforme prevê Evaristo:

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral (EVARISTO, 2009, p. 19-20).

2. PARA ASSIM VERSEJAR/ O ÂMAGO DAS COISAS

A partir disso, é importante explicar que o recorte teórico, bem como o ficcional, passa por critérios que privilegiam a qualidade da análise a ser realizada e, para tanto, várias teóricas que pensaram os temas da mulheridade, da negritude, da lesbiandade/bissexualidade e da afetividade, em diversas áreas das Ciências Humanas, são evocadas. Prima-se, também, pela diversidade na origem dessas postulações, por isso, teóricas oriundas de diversos países são convocadas a contribuir com a pesquisa. Não menos importante, porém, é o recorte de cunho político que prefere autoras negras para a composição do *corpus* teórico. Tal medida é uma resposta às constantes negações e boicotes que os pesquisadores e pesquisadoras negras sofrem na academia e uma tentativa, talvez um tanto prepotente, de resistir ao “epistemicídio” enfrentado diariamente pelo povo negro nas universidades brasileiras.

Sobre o conceito, Sueli Carneiro – ao mobilizar os escritos de Mills (1997) – resumirá, referindo-se ao contexto brasileiro e suas singularidades na construção do racismo e da supremacia de um pensamento cunhado em referências e preceitos europeus:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Dito isso, elencam-se, para fomentar as discussões sobre interseccionalização das opressões, Audre Lorde (2007) que discute as implicações que ser oprimida por mais de uma frente de violência trazem para o sexismo. Com o objetivo de pensar o contexto brasileiro e suas especificidades, ainda em relação à condição da mulher negra, evocam-se Beatriz Nascimento (2006) e Lélia Gonzalez (1984), ambas teóricas a quem se tem dado parca importância, apesar de, por vezes, terem apresentado a qualidade de seus escritos e proposições nas áreas das Ciências Sociais e afins. bell hooks (2000) figura nesta bibliografia, pois casa em seus relatos, ensaios e levantamentos, com o mote da afetividade das mulheres negras.

3. A MENOR SOMBRA,/ DO ÍNFIMO MOVIMENTO

Durante a elaboração do artigo, foi possível perceber que alguns estudos – embora ainda não tantos quantos necessários para esgotar os temas – sobre representação negra ou representação lésbicas estão disponíveis para leitura e reflexão. Entretanto, quando o assunto se volta para a representação da mulher negra e lésbica, a quantidade de material cai drasticamente. Esse fato tanto pode ser explicado pela especificidade do tema, mas aponto que ocorre, principalmente, em função da facilidade que alguns discursos têm para transitar, tanto quanto se aproximem dos discursos hegemônicos.

Veja bem, se as mulheres negras já sofrem dupla opressão na nossa configuração social, não é de se estranhar que, ao falar sobre afetividade, o tema seja focado em um grupo mais próximo ao hegemônico, no caso, heterossexual. Não há de se negar, também, que o respaldo da heterossexualidade faz com que esses escritos sejam mais palatáveis do que jamais poderiam ser se discutida a lesbiandade associada ao tema. Da mesma forma, presas a uma matriz de pensamento branco, dificilmente as mulheres lésbicas brancas se atentariam para as semelhanças e diferenças entre a vivência e configuração da violência que atinge lésbicas brancas ou negras.

É importante, então, que se aponte a necessidade de pensar estudos que possam abarcar a experiência da mulheridade, negritude e da homoafetividade, justamente por que, se entendemos a literatura como um reduto de resistência; e a representação como a possibilidade de se falar/ver o mundo, contrapondo à visão imperialista que os discursos dominantes vinculam 24/7 – nos meios de comunicação mais diversos e com o auxílio de instituições pensadas para alimentar, ao mesmo tempo em que bebem de, o discurso vigente – então, pensar uma literatura em que se questionem os papéis socialmente atribuídos a grupos (três vezes) marginalizados é tentar resolver a crise da

autoimagem que, por não se enquadrar nos padrões vigentes, tende a ser questionada e apagada no cotidiano daquelas que experienciam essa configuração identitária.

Daí, quando pensamos nas personagens Salinda e Isaltina, é possível perceber que elas têm muito em comum, o que as difere, em verdade, além da construção de um universo que é cada uma delas, é o tempo em que narram. A primeira, é narrada do olho do furacão, do auge do acontecimento, falada em meio às dúvidas e angústias que ainda não se organizaram. A segunda conta uma história já apaziguada, lembrada com carinho, revivida e ainda angustiante em alguns pontos, mas resolvida. Quem sabe, se pudessem se comunicar, não trataria Isaltina de acalmar a mais jovem.

Os dois contos, quando colocados lado a lado, deixam ver algumas implicações da escolha pela narração que ocorre do meio do acontecimento, para a opção de narrar uma história que se anuncia harmonizada. Quando Isaltina conta a história de sua vida, a seleção que ela faz permite que se entenda a preferência por elencar alguns acontecimentos em detrimento de outros. Elejo como ponto principal e constitutivo dessa característica de narração a marcação dos pronomes e do gênero utilizados pela entrevistada. Ainda que contando sobre a confusão vivida durante longo período de sua vida entre sua orientação sexual e identidade de gênero, Isaltina opta por pronomes femininos, por exemplo, em “Ainda **novinha**, talvez antes mesmo dos meus cinco anos, eu já descobrira o menino que eu trazia em mim e acreditava piamente que, um dia, os grandes iriam perceber o erro que estavam cometendo” (EVARISTO, 2011, p. 50. grifo meu). Esta seleção só é possível, porque, embora narrando antigas confusões, Isaltina parece ter resolvido, e conta de um lugar posterior à sua resolução, os desassossegos em relação a sua identidade.

Ao contrário de Isaltina, Salinda parece agora tem que lidar com uma quantidade de sentimentos ainda pouco elaborados o que faz com que esta narrativa dê, por exemplo, destaque para o processo de sentinela do marido – entendido aqui como uma metonímia do constante esforço social despendido para a manutenção/criação de indivíduos cis e heterossexuais. Afinal, ainda que com o *status* de natural, formar heterossexuais vem sendo uma tarefa social-coletiva que depreende generosos gastos das instituições de poder, em investimento, mas sobretudo em vigilância.

Pensando ainda sobre o totem heterossexual, neste trabalho, escolhe-se não utilizar, para fazer referência à reciprocidade de afeto entre mulheres, o termo “lesbiandade” puramente. Ainda que a identidade de Isaltina aponte para esse espectro – o que é reforçado algumas vezes pela recusa à afetividade heterossexual –, Salinda é apresentada como uma mulher que – apesar do atual relacionamento heterossexual falido – teve momentos de afetividade consensuais com alguns

homens. Assim, como se entende que também a bissexualidade passa pelos expedientes de apagamento ou estereotipificação, opta-se por não especular sobre a orientação sexual desta mulher. O que vale elencar, porém, é a consciência de que, quando em um relacionamento que abdica da presença masculina, mulheres lésbicas ou bissexuais serão vítimas de violências diversas que tentarão intervir, com o objetivo de desfazer, nessa relação.

Nos contos, a intervenção que tem o intuito de condicionar mulheres a seguirem seu papel social, definido pela heteronormatividade, aparece de várias formas. Das mais violentas, como o caso do estupro corretivo sofrido por Isaltina Campo Belo, às que parecem mais sutis, como o processo de vigilância a que é submetida Salinda, em função da desconfiança do marido. Para Rich (2010), o cerceamento da liberdade – por meios físicos e psicológicos –, tais como o assujeitamento de mulheres por meio da violência sexual, são ferramentas utilizadas para limitar as experiências de mulheres, a fim de mantê-las sob o jugo masculino, o que equivaleria dizer, por exemplo, que a própria heterossexualidade se mantém e é imposta a elas por meio de violências que tentam escamotear o medo masculino “de que as mulheres possam ser completamente indiferentes a eles, de que os homens possam se permitir acesso sexual e emocional – portanto econômico – às mulheres nos termos exclusivos delas” (RICH, 2010, p. 29). Assim, quando se anuncia o processo pelo qual Salinda aprende a amar em silêncio, “No princípio a aprendizagem lhe custara muito. Acostumada ao amor em que tudo ou quase tudo pode ser gritado, exibido aos quatro ventos (...) viver silente tamanha emoção era como deglutir a própria boca, repleta de fala, desejosa de contar as glórias amorosas” (EVARISTO, 2014, p. 52), quem narra demonstra ter a personagem conhecimento aos meios de vigilância a que estão submetidos os relacionamentos que desobedecem à norma vigente.

Isso se dá por diversas razões, em especial pela homofobia que, no caso do relacionamento entre mulheres, assume diferente configuração daquela imposta a homens. Devido ao próprio machismo, é comum que as mulheres, ainda que heterossexuais, dirijam parte do seu afeto a outras próximas, como uma espécie de rede de apoio. Ao passo que a qualquer outra mulher – como bem apreendido pela disseminação cultural do ódio e rivalidade entre figuras femininas (*vilãs* nos contos de fadas, histórias infantis e novelas; *rivais* na conquista do macho; *fofoqueiras*, *fúteis* e *falsas*; *mediócras*, quando “aceitam” imposições patriarcais em seu comportamento; *perigosas* e *subversivas*, quando negam essas imposições) – é comum que seja destinado despreço, desconfiança e desdém.

A desumanização da mulher garante a negação da afetividade feminina, quando coloca a

todas como não merecedoras da admiração e afeição dos homens, tampouco de outras mulheres. A homofobia, neste caso, dá-se de maneira mais sutil, ao minar o valor de todas as mulheres, heterossexuais ou não, e pela atribuição do *status* de incompletude às relações que excluam homens.

Sendo assim, não só as relações entre mulheres são negadas, como consideradas sujas, imorais e baixas, mesmo em espaços “femininos”. E, embora não seja tão comumente anunciada enquanto indigna, a noção de que a mulher existe apenas para servir ao homem e de que o objetivo de vida daquela é, ainda hoje, encontrar o “marido dos sonhos”, inclusive para que se estabilize seu emocional com o apoio indispensável do falo, assegura que mulheres lésbicas sejam duplamente oprimidas: por negarem o papel da feminilidade e por dedicarem seu afeto a outro ser – como ela – desprezível.

Para as mulheres negras, como alerta bell hooks, o amor é ainda mais inalcançável “Quando eu era criança, percebia que [...] o amor era visto pelos adultos como um luxo. A luta pela sobrevivência era mais importante do que o amor” (HOOKS, 2000, p.).

Nos contos, machismo, racismo e a opressão contra as relações não heterossexuais interseccionam-se. Um trecho que ilustra isso está em “Isaltina Campo Belo”: “[...] e afirmava com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois, afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... Eu não sabia o que responder para ele (EVARISTO, 2011, p. 55)”. A partir dessa e outras passagens, é possível inferir que as opressões não se somam, como se a uma delas fossem acrescentadas, simplesmente, limitações e violências. Ao contrário, quando se fala de interseccionalização, mira-se no fato de que uma opressão modifica a outra e dá novas configurações às formas de agressão.

É por isso, por exemplo, que de nada basta que as mulheres brancas construam o feminismo e, em suas análises, façam ressalvas ou, como preferem chamar, “recortes”, sobre racismo, uma vez que o próprio machismo sofrido por mulheres negras tem natureza completamente diferente do que atinge às mulheres brancas.

Sobre isso, Lélia Gonzalez pontuará

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular (GONZÁLEZ, 1984, p. 224).

A partir do exposto, é interessante que se entenda que, para além das experiências de racismo e sexismo, ambos vivenciados por mulheres negras de maneira diferente do que imposto a

homens negros e mulheres brancas, também a homofobia terá diferente configuração quando direcionada a mulheres negras. Sobre isso, é importante apontar que, por muito tempo, a negação das práticas sexuais entre mulheres – além das razões que elenco acima – tem se dado, segundo feministas lésbicas brancas, como um resultado da negação da sexualidade feminina. Se por um lado, por muito tempo, temos vistos mulheres brancas serem privadas do direito à sexualidade e ensinadas a terem comportamentos que, para coadunar com a postura de mulher respeitável, negam o desejo sexual, conforme Rich, ao explicar as formas de poder masculino sobre as mulheres, muito bem organiza:

Ao negar a [própria] sexualidade das mulheres – [por meio da clitoridectomia e infibulação; de cintos de castidade; da punição, inclusive a morte, devido ao adultério; da punição, inclusive a morte, em razão da sexualidade lésbica; da negação psicanalítica do clitóris; de restrições contra a masturbação; da negação da sexualidade da mãe e da mulher pós-menopausa; de histerectomias desnecessárias; de imagens pseudolésbicas na mídia e na literatura; do fechamento de arquivos e da destruição de documentos relacionados com a existência lésbica] (RICH, 2010, p. 23 – 24).

Por outro e a partir da reconfiguração de muitas dessas violências, o Brasil soma a essas formas de controle, em relação à mulher negra, a hipersexualização que Lélia Gonzalez (1984), no artigo já citado, explica ter vindo de uma herança escravocrata, da qual se tira que a função da mulher negra é, além do serviço braçal nas lavouras e da posição servil nas casas grandes, a serventia sexual a escravizadores. Herança marcada, por exemplo, por uma representação midiática que reforça estereótipos em relação à mulher negra, na literatura ou nas bem intencionadas novelas da maior emissora de televisão deste país, como a figura lasciva e quente, enfim, a mulher “da cor do pecado”.

Dito isso, então, é insuficiente que pontuemos a aversão para com as relações entre mulheres puramente como a higienização do sexo das vidas desses sujeitos, tampouco poderíamos apontar como fator determinante para as representações de sexo lésbico na mídia a lascividade atribuída a mulheres negras – inclusive, por que, em geral, as mulheres lésbicas presentes em peças midiáticas ou artísticas são, em sua esmagadora maioria, brancas. O ponto que os dois grupos étnicos de mulheres tem em comum é impossibilidade de gerência de seu próprio corpo e desejo.

Embora as mulheres negras sejam vistas como lascivas, essa característica está sempre associada à servidão ao homem; da mesma forma, a mulher branca e pura poderá abdicar de sua castidade para a satisfação masculina. A lesbiandade é a negação dessa servidão e, ainda que o racismo vá, em muitos pontos, intensificar a violência contra lésbicas negras, sem dúvidas o

alijamento de todas as mulheres em relação ao seu prazer e de suas pares estará sempre presente como forma de condenação ao envolvimento sexual que prescinde de homens.

Os contos, que voltam agora ao foco da análise, demonstram com precisão a subversão que existe na dedicação da afetividade e sexualidade entre mulheres. Quando quem narra sublinha o sexo entre as personagens como gestos de oferecimento, como em “Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve” (EVARISTO, 2011, p. 58) ou “Rememorou ainda o corpo que um dia antes estivera em ofertório ao seu lado” (EVARISTO, 2014, p. 51), há o empenho que deixe saber as leitoras do consentimento e desejo presentes no ato, em oposição à visão comum do sexo como um serviço ao outro, aqui ele é entendido como uma vontade de igual intensidade para as partes envolvidas.

A isso, num belíssimo ensaio sobre os “Usos do erótico”, Audre Lorde acrescentará

To share the power of each other's feelings is different from using another's feelings as we would use a Kleenex. When we look the other way from our experience, erotic or otherwise, we use rather than share the feelings of those others who participate in the experience with us. And use without consent of the used is abuse³ (LORDE, 2007, p. 58).

No ensaio – em que explica que o erótico tem sido frequentemente retirado do poder das mulheres ou reduzido ao sexual/pornográfico –, Audre Lorde aponta a necessidade de retomada do prazer como força motriz para libertação das mulheres. Segundo a autora, a partir do momento em que as mulheres têm verdadeiro acesso à satisfação de desejos próprios, dificilmente aceitarão uma situação de servidão que a destituiria de autovalor e cuidado novamente. Assim, para além da beleza do narrar das cenas de sexo nos textos de Conceição Evaristo – beleza que, atrevo-me a declarar, só é possível por se distanciar de uma visão comercial do sexo entre mulheres que visa garantir o público e a fetichização masculinos – há também uma preocupação de que as experiências afetivas e sexuais sejam percebidas como força para resistência de sujeitos oprimidos no interior de nossa sociedade.

Dessa forma, a descoberta do ser-mulher de Isaltina que se dá pelos olhos e paixão por Miríades; assim como a esperança e o destemor de Salinda para enfrentar o marido, quando se narra

3. Compartilhar o poder dos sentimentos umas das outras é diferente de usar os sentimentos de outra pessoa como usaríamos um lenço de papel. Quando desviamos o olhar de nossa experiência, erótica ou outra, nós usamos ao invés de compartilhar os sentimentos daquelas outras que participam na experiência conosco. E uso sem consentimento da usada é abuso.

“Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E no lugar de sua face, viu a outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais” (EVARISTO, 2014, p. 57), são passagens que marcam de maneira inegável a necessidade de restituição do erótico, bem como da desnaturalização da heterossexualidade como destino de todas as mulheres, como furor instigante para a luta por libertação de todas.

A última passagem citada, retirada de “Beijo na face”, continua da seguinte forma “Mulheres, ambas se pareciam. Altas negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça” (EVARISTO, 2014, p. 58), o que nos leva para o, por ora, último tópico desta análise. Em especial em o beijo na face, em que a amante de Salinda é racialmente marcada, ao contrário de Miríades que não recebe marcação étnica, é perceptível que o amor de Salinda para com sua companheira volta para a primeira em forma de autoamor.

Sobre isso, bell hooks irá pontuar, em “Vivendo de amor”, que um dos pontos que têm sido fator de adoecimento para a população negra é a noção de que, enquanto sujeitos muito vitimados pela violência física, econômica e psicológica, frequentemente, não acreditamos ser merecedores de amor. As próprias relações familiares têm se firmado por meio da necessidade da sobrevivência, o que secundariza os traços de afeto dentre os membros dessas famílias.

[as mulheres negras] Devem parecer fortes e não demonstrar sentimentos, e suportar por toda uma vida lugares subalternos de expressão, de trabalho e de existência sem ousar questioná-los sob o preço de ver recair sobre si mesma cargas a mais de estereótipos ou “imagens de controle” (NASCIMENTO, 2006, p. 78).

Diante disso, é muito comum que a autoestima seja açambarcada dessa parcela da população mundial. Além disso, a construção de um modelo de afeto e beleza branco impede, muitas vezes, que pessoas negras – especialmente mulheres – vejam em si características que estimulem e permitam o afeto próprio. Dito isso,

É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor. Para conhecermos o amor, primeiro precisamos aprender a responder as nossas necessidades emocionais. Isso pode significar um novo aprendizado, pois fomos condicionadas a achar que essas necessidades não eram importantes (HOOKS, 2000, s/p).

Ao apaixonar-se por aquela que é nomeada sua igual, Salinda não só vivencia sua afetividade e sexualidade, como também afirma para quem lê que aquela mulher, tanto quanto ela, merece o afeto compartilhado. Assim, “por um repetir constante do *eu te amo*, declaração feita,

muitas vezes, em voz silenciosa, audível somente para dentro, fazendo com que o eco dessa fala se expandisse no interior mesmo do próprio declarante” (EVARISTO, 2014, p. 52), amar a outra é amar também para dentro, amar a si mesma.

4. NEM TODO VIANDANTE/ ANDA ESTRADAS

Outro aspecto comum observado nos contos – e escolhido, aqui, pra introduzir o que se pretende por conclusão, justamente por apontar para o otimismo por meio do qual a literatura escrita por pessoas negras é propensa a abordar as experiências de personagens negras – é o cuidado empenhado pela autora ao representar e exprimir a cumplicidade entre mulheres negras, cumplicidade que possibilita o apoio psicológico e material entre elas. Tanto no conto “Isaltina Campo Belo”, quando do encontro entre a entrevistadora e a entrevistada

Isaltina me recebeu com um sorriso de boas-vindas acompanhado de um longo e apertado abraço (...) E soltamos uma boa gargalhada, como se fôssemos antigas e íntimas companheiras. A sonoridade de nossos risos, como cócegas no meu corpo, me dava mais motivos de gargalhar e creio que a ela também. E foi tudo tão espontâneo, que me recordei de algo que li um dia sobre o porquê das mulheres negras sorrirem tanto (EVARISTO, 2011, p. 48).

Ou na fala sobre a entrevistada a respeito da forma como as três – Isaltina, Miríades e Walquíria – estiveram juntas no desenrolar das próprias vidas.

Também a protagonista de “Beijo na face”, na figura da “tia Vandu (...) guardiã do novo e secreto amor de Salinda” (EVARISTO, 2014, p. 53) ou nos olhos de sua filha mais velha, como promessa, “A mais velha, menina se maturando mulher, olhou Salinda nos olhos e sorriu. Ela recolheu o sorriso da filha e percebeu na atitude da menina uma possível cumplicidade, que esperançosamente guardou e aguardou poder realizar um dia” (EVARISTO, 2014, p. 55).

Em suas relações, há uma verdadeira rede de apoio que garante, em muitos casos, a sobrevivência de pessoas em situações de violência, seja, neste caso a violência em função da orientação sexual de ambas as personagens, como a violência masculina, simbolizada em Isaltina Campo Belo pelos estupradores não nomeados, e em “Beijo na face” pelo marido persecutório e possessivo.

Não se pode considerar inesperada a escolha da autora por focar nessa forma de representação, uma vez que o retrato de redes de cuidados entre pessoas oprimidas é bastante comum no estudo e sistematização de grupos que, alvo de violência institucional, ajuntam-se com o objetivo de resistir a investidas do poder vigente. Dentre a comunidade negra, especialmente, há tempos, a construção de Quilombos que – se outrora entendidos exclusivamente como resistência ao

sistema escravagista – hoje podem ser considerados, como afirmam Rattz (2006) e Nascimento (1989), um termo que passa a ter conotação também ideológica e prescinde da territorialidade física para a sua existência, podendo ser entendido em seu sentido mais amplo como nichos de resistência negra em diversos espaços.

Assumo aqui, então, a responsabilidade de supor que, assim como nos contos em análise, em diversos momentos das narrativas de Conceição Evaristo, a união, ora de toda a comunidade negra, ora de mulheres negras, dá-se de forma a construir nichos de apoio, quilombos, que, ainda que não alocados fisicamente, são imprescindíveis para a permanência de pessoas negras em espaços hostis.

Por fim, Conceição Evaristo, armada de um debate teórico, político e de uma experiência ímpar no trato com o texto literário, consegue, com beleza, tratar de histórias que, se outrora de violência, falam sobre afeto e amores. E, pelas mãos dessa e de outras tantas autoras, é possível visualizar a imagem futura de uma literatura que não negue os povos que sustentam a sociedade em que ela se constrói.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- EVARISTO, Conceição. Da calma e do silêncio. In.: ____: *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4365/4510>>. Acesso em 18 jun. 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: <<file:///C:/Users/Configurador/Downloads/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.
- HOOKS, bell. Vivendo de Amor. In.: Jurema Werneck (Org.). *O livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000.
- LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. 2. ed. Berkeley: Crossing press, 2007.
- MILLS, Charles W. *The Racial Contract*. Ithaca: Cornell University Press, 1997.
- NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. In.: RATTTS, Alex (Org.). *Eu sou atlântica*. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa oficial, 2006.
- RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e a existência lésbica*. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. *Bagoas*. Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.